

A Mesa da Palavra explicada

Padre Albino Reis

Domingo XIV do Tempo Comum - Ano C – 06.07.2025

1ª leitura – Isaías 66, 10-14c

Salmo – Salmo 65 (66)

2ª leitura – Gálatas 6, 14-18

Evangelho – Lucas 10, 1-12.17-20

Todo o cristão deve ser e sentir-se missionário. De facto, a última recomendação de Jesus é um envio em Missão: *"Ide por todo o mundo e anunciai a boa nova a todas as criaturas..."*

No Evangelho de hoje, encontramos um verdadeiro manual de missão. Jesus envia setenta e dois discípulos em missão, dois a dois. Isto não é um pormenor: a missão cristã nunca é solitária. É vivida em comunhão, em fraternidade, com apoio mútuo, como um gesto de corresponsabilidade. O cristianismo não é a aventura de um indivíduo inspirado, mas o testemunho de um corpo vivo: a Igreja.

A missão da Igreja não é, portanto, obra de um grupo fechado, nem de alguns eleitos e privilegiados; É tarefa de todos os batizados. E deve ser feito num espírito de comunhão, nunca de competição.

O número dos discípulos que Jesus envia, setenta e dois, não é aleatório: refere-se às nações do mundo conhecidas na tradição judaica (cf. Gênesis 10). O envio universal começa aqui. Jesus antecipa a missão da Igreja que será "católica" – isto é, para todos, sem fronteiras.

Jesus olha para o mundo como um campo enorme, pronto para a colheita, mas sem trabalhadores suficientes. Esta frase permanece dolorosamente atual. Há uma grande necessidade do Evangelho: de sentido, de verdade, de reconciliação... Mas são poucos os que estão dispostos a ir, a deixar confortos, a correr riscos.

E a primeira coisa que Jesus nos diz para fazer não é correr para o campo, mas orar: *"Pedi ao Senhor da messe que envie operários..."*. A missão começa de joelhos. Antes da ação, a oração. Antes de falar sobre Deus, devemos ter falado com Deus. A evangelização sem oração torna-se um discurso vazio, até mesmo uma manipulação. Quem reza mais evangeliza melhor.

No envio em missão, Jesus não nos engana: Ele envia-nos desarmados, *"como cordeiros no meio de lobos"*. Ou seja, a missão não se faz com poder humano, com influência, com estratégias de marketing ou com alianças políticas. A força do missionário cristão reside na sua suposta fraqueza, na sua mansidão, na coerência da sua vida.

Esta não é uma estratégia humana. Este é o próprio estilo de Jesus. Um estilo escandalosamente não intuitivo: enquanto o mundo nos manda usar a força e o poder nas missões para as quais nos atrai e cativa, Cristo ordena-nos que sejamos humildes e próximos. Mas é assim que se anuncia o Reino de Deus: na paz, na simplicidade, na pobreza voluntária, no testemunho autêntico.

Jesus não vende sonhos. Não anuncia qualquer facilidade ou sucesso imediato. Anuncia a fragilidade como método. O Evangelho não é imposto pela força ou pela autoridade humana. Oferece-se com gentileza, vulnerabilidade, pobreza.

Um missionário cristão é uma testemunha desarmada, não um conquistador. A Igreja não deve procurar seduzir ou dominar, mas servir e amar. Mesmo no meio da contradição ou da rejeição.

Os missionários de Jesus não devem confiar em meios materiais. Devem depender da hospitalidade dos outros. Jesus pede um despojamento radical. Isto educa para a confiança na providência divina.

Hoje, este convite ao esvaziamento de si mesmo continua actual: a Igreja precisa de voltar ao essencial. Menos estruturas, menos complicações, menos (pre)potência... e mais Evangelho vivido, mais presença, mais escuta.

O anúncio da paz está no centro da missão. Sem condenação, sem pressão, sem ameaça. O missionário não está lá para julgar, mas para abençoar. Ele oferece a paz e, se ela for recusada, segue o seu caminho. Ele respeita a liberdade do outro.

Os discípulos voltam radiantes: viram grandes coisas; até os demônios se lhes sujeitavam... Mas Jesus corrige o entusiasmo: «Não vos alegréis porque os espíritos se submetem a vós; alegrai-vos porque os vossos nomes estão escritos no céu.»

É uma lição de humildade: não somos donos do mundo; somos filhos do DONO; Somos seus servos.